

1931



Revista Oficial do FC Famalicão
ano 0 • n.º 0 • trimestral
março 2016 • 1 euro

NÃO SE ADMIREM...



[www.facebook.com/
municipiodevnmfamalicao](http://www.facebook.com/municipiodevnmfamalicao)

[www.twitter.com/
CMVNFamalicao](http://www.twitter.com/CMVNFamalicao)

[www.instagram.com/
municipio_de_famalicao](http://www.instagram.com/municipio_de_famalicao)

Famalicão
está nas
redes
sociais!!



O Famalicão é dos sócios

1931 representa o início da nossa história. Creio por isso mesmo, que a escolha da data da fundação do FC Famalicão para o nome da revista oficial do nosso clube, não poderia ter sido mais feliz, porque ela evoca não só os fundadores, como todos aqueles que ao longo destes últimos oitenta e cinco anos, ajudaram a escrever a grandiosa história do maior símbolo desportivo do concelho de Vila Nova de Famalicão.

Foram anos de histórias douradas, com muitos intervalos de desalento, que foram sempre combatidos pela coragem e determinação de um povo que não se conforma; de um povo que recusa o encolher de ombros perante a adversidade; do mesmo povo de ontem que deixou bem gravado no ADN dos seus descendentes, o amor a um símbolo que agora dá sinais de toda a sua vitalidade e não pára de surpreender o país, numa onda de apoio crescente, que muitos invejam, mas que todos reconhecem ser uma extraordinária fonte de inspiração.

A todos os que ficam surpreendidos com a força dos nossos adeptos, uma explicação

simples: **Não se admirem, isto é Famalicão!** Bem sei que para muitos esta frase pode ser quase um lugar comum, desde logo, para explicar o que não tem explicação: este sentimento de pertença e de união à volta de um clube que desperta em nós, como diria Camilo Castelo Branco, um “Amor de perdição”.

E foi precisamente a pensar nesta paixão, que o nosso departamento de comunicação e marketing apresentou-me este projeto para a publicação trimestral da revista **1931**, que se insere numa política de comunicação ativa, visando aproximar ainda mais o clube dos seus associados e adeptos, com o acesso a informação, reportagens e entrevistas, que de outro modo não seriam do conhecimento da maior parte dos nossos associados.

Foi a pensar neles, em querer chegar mais longe, que lançamos as bases deste novo projeto, que agora deixo à vossa consideração. O êxito da revista **1931** está agora nas vossas mãos e espero sinceramente que a apreciem tanto como eu.



Handwritten signature

6 ENTREVISTA

Jorge Silva, presidente do FCF, em entrevista à 1931, afirma que a equipa sénior está a fazer uma caminhada incrível e projeta o futuro.



14 FORMAÇÃO

Num futuro próximo o FCF vai ter um centro de treinos, equipamento indispensável para alcançar a excelência.



20 DANIEL RAMOS

O timoneiro da equipa sénior garante que o FCF foi o clube que mais o marcou e sustenta que na reta final do campeonato, tudo pode acontecer.



26 MANITA

Foi um habilidoso extremo direito, que chegou a Famalicão nos anos 40 para a equipa que disputou o pela primeira vez o nacional da 1.ª divisão



31 PARCERIA

Paulo Cunha, presidente da Câmara de Famalicão, destaca o envolvimento da comunidade em torno do clube e promete obras no estádio para este ano.



FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE
Futebol Clube de Famalicão

NIF
513587640

SEDE
Dedjif fhdghd dghd dghd
sjdjdhdhghfgdgd

DIREÇÃO
Jorge Silva

EDIÇÃO
Departamento
de Comunicação
e Marketing

FOTOGRAFIA
João Macedo
Jorge Alves
Arquivo FCF

PAGINAÇÃO
Paulo Cortinhas

IMPRESSÃO
Organigráfica

TIRAGEM
2000 exemplares

N.º DEPÓSITO LEGAL
00000000

PUBLICAÇÃO
N.º 0, março de 2016

PERIODICIDADE
Trimestral

...isto é Famalicão!



Camilo Castelo Branco, ilustre famalicense que andou por estas paragens de Vila Nova de Famalicão há mais de cem anos atrás, seguramente estaria longe de imaginar que o título de um dos seus mais conceituados romances – “Amor de Perdição” encaixaria que nem uma luva num outro amor que dificilmente se explica por palavras, traduzindo uma espécie de estado de alma de um povo em relação a um emblema de futebol. Na verdade não é um emblema qualquer, trata-se do emblema do FC Famalicão, apontado não raras vezes como exemplar, na devoção e dedicação que os seus adeptos lhe prestam, jornada após jornada, nos jogos realizados no estádio municipal e mesmo fora de portas. Admirado por muitos, ‘invejado’ por outros, a verdade é que os números

oficiais da Liga Portuguesa de Futebol Profissional não mentem: O FC Famalicão é já o campeão das assistências na II liga e por larga vantagem, colocando-se inclusive no «top-ten» das assistências em Portugal, isto depois de ter dado o ‘pisca’ da esquerda e ultrapassado, nada mais nada menos, que dez emblemas do principal escalão do futebol Português. Notável! O FC Famalicão ocupa atualmente o 9º lugar do ranking de clubes com maiores assistências nos jogos em casa, com um total de 55.330 espetadores (acumulado da época até à 37ª jornada), numa média de mais duas mil e seiscentas pessoas por jogo em casa. E se é verdade que o FC Famalicão tem mais jogos realizados no seu estádio que os clubes da 1.ª Liga, não

O FC Famalicão é o campeão das assistências. Está no “top-ten” das assistências da 2.ª Liga, ultrapassando, inclusive 10 emblemas do principal escalão do futebol Português. É notável.

deixa de ser menos verdade que estes números não são ‘inflacionados’ pela visita dos grandes emblemas do futebol Português, o que torna o feito ainda mais extraordinário. A cidade e o clube, há muito que vivem uma união perfeita, que não cessa de espantar a imprensa nacional e internacional, cujas referências à devoção e amor ao clube, mais se assemelham a um conto Camiliano. A poucas jornadas do final da época 2015/2016, estes números oficiais (fonte da Liga Portuguesa de Futebol Profissional), ajudam a perceber a célebre frase popular que percorre as ruas da cidade de Famalicão e as redes sociais, sempre que o Vila Nova apresenta casa cheia: “Não se admirem, isto é Famalicão”.



A photograph of Jorge Silva, President of F.C.F., standing in a textile factory. He is wearing a dark blue zip-up jacket over a light-colored collared shirt and dark blue trousers. He is leaning on a large industrial machine that is processing white fabric. The machine has several large spools of white fabric and various rollers and gears. The background shows more of the factory environment with other machinery and a slightly blurred background.

Se a oportunidade de subir de divisão surgir vamos agarrá-la com unhas e dentes, porque somos gente de trabalho, que não se limita a a deixar a andar para depois ver no que dá. Nós trabalhamos diariamente de uma forma afincada e como acreditamos que o trabalho é sempre a solução para atingir o sucesso, se as coisas se proporcionarem vamos naturalmente lutar por essa possibilidade.

Entrevista de JOSÉ Ribeiro
Fotos de JOÃO Macedo



“ Ainda não estamos preparados, mas temos a 1.^a Liga no horizonte

1931: Começamos pelo início da sua relação com o FC Famalicão. Onde e quando é que tudo começou?

JORGE SILVA (JS): Vai muito distante. A primeira memória que eu tenho [breve pausa para explicar as raízes familiares ao clube] – é de ir à bola pela mão do meu pai, quando ele vinha de férias, porque era emigrante. Recordo-me perfeitamente de atravessar campos e bouças para chegar ao estádio e uma das memórias que tenho bem vivas é de ter feito uma corrida com ele para ver quem chegava primeiro ao campo de futebol. Essa é a primeira memória, mas tenho outras, desde ir ao terço ao domingo à tarde e entrar por uma porta e sair por outra, para ir a pé com os meus amigos para ver o Famalicão. Já nos anos 70, aí de uma forma muito mais intensa e muito perto da subida, recordo que em Esmeriz alugávamos um autocarro para ver os jogos do Famalicão a todo o lado: Régua, Paços de Brandão, Aliados de Lordelo, União de Lamas, Chaves e tantos outros locais.

1931: E desses anos de gratas recordações, houve alguma equipa, jogador ou treinador que o tivesse marcado?

JS: Conto-lhe já um episódio,

até porque se desenrolou mesmo à minha frente, onde agora fica a bancada 'Porminho', uma lesão tremenda do Borges que partiu uma perna. Enquanto jogador há um que me marcou e que hoje é o treinador do Chaves – o Vítor Oliveira, que era o nosso capitão e número 10, um jogador absolutamente extraordinário, tenho bem presente, assim como o Sá Pereira – defesa esquerdo, o Zé Carlos – defesa direito, o Reinaldo que tinha uma característica extraordinária nas bolas paradas, nomeadamente nos pontapés de canto, colocava-se sempre ao segundo poste, bastante recuado e fazia sempre golos incríveis. Mas há muitos outros jogadores que mereciam ser destacados.

1931: Alguma vez imaginou que volvidos apenas três meses de assumir a presidência, o clube pudesse estar onde está? A campanha do FC Famalicão surpreende-o de alguma forma?

JS: Nós sabíamos a valia desta equipa, até porque transito de um tempo anterior, com uma relação de proximidade com todo o departamento de futebol. Conhecia a qualidade do plantel, do corpo técnico, de toda a estrutura do departamento de futebol, por isso temos de recuar obrigatoriamente

ao início da época. E no início desta época, o departamento de futebol teve uma reunião na Casa de Esmeriz. Nesse encontro, estiveram presentes todos os jogadores e equipa técnica, tive a oportunidade de me dirigir ao grupo e pedi-lhes apenas duas coisas: a primeira, que percebessem a importância e o significado da camisola que envergavam – pois tratava-se de representar todo um concelho e cada jogador seria uma espécie de representante do nosso povo. Depois, pedi que em cada jogo teríamos de dar tudo para vencer e lembro que alguém disse: “mas se assim for é para subir de divisão”, ao que eu respondi: “não, não estou sequer a pensar nisso nem a estrutura diretiva pensa nisso, mas convém perceber que este é o nosso tempo e vamos ter que dar tudo em cada jogo, depois no final logo se vê. Por isso, no meu íntimo acreditava que seria possível estar onde estamos, porque conheço o valor de toda esta gente.

1931: Os sócios e adeptos estão divididos por sentimentos contraditórios: os que preferem ver primeiro a criação de infraestruturas para que o clube possa depois chegar à 1.^a Liga e os que querem que o clube assuma já a



Impressão digital

Um ídolo - Cristo

Um lema de vida - Ser feliz

Uma terra/cidade - Esmeriz

Local ideal para passar férias - Algarve

O que é que não suporta - Mentira

Um amigo - Tantos

Melhor clube do mundo - FC Famalicão

Melhor treinador - Daniel Ramos

Uma vitória inesquecível - Frente ao Varzim

Primeira memória do FC Famalicão - A caminhada com o meu pai para o estádio.

Um lema de vida - Ser feliz

Uma terra/cidade - Esmeriz

Local ideal para passar férias - Algarve

O que é que não suporta - Mentira

condição de candidato. Se isso acontecer, o FC Famalicão está preparado?

JS: Neste momento não estamos preparados para a 1.ª Liga, mas estamos a preparar-nos. O que eu quero dizer é que ao nível das infraestruturas não temos condições, mas imaginemos que tal como estamos, subimos. Vamos utilizar as nossas ins-

talações desportivas para a competição da forma em que estão? A resposta é simples: não é possível, pois temos que fazer um conjunto de obras fundamentais, obrigatórias e imprescindíveis. Não temos essas infraestruturas, mas estão já a ser pensadas e trabalhadas para que nas obras de maior urgência possamos avançar de imediato. A

um outro nível, das condições da "estrutura FC Famalicão", sem qualquer receio e com todo o respeito, julgo que muito melhor preparados que uma boa parte dos clubes da 1.ª Liga.

1931: Por que razão é que o clube não se assume como candidato, numa altura em que toda a gente o parece querer 'empurrar' para essa condição?

JS: O FC Famalicão não se assume, porque não é candidato, não definiu no início desta temporada esse objetivo. Ao contrário de vários clubes que o fizeram de forma clara, tornando isso público e que por isso são olhados e vistos como candidatos. Uns estão lá, outros se calhar já não conseguem lá chegar e o Famalicão está efetivamente numa posição interessante, em termos pontuais, mas ainda faltam muitas jornadas e há ainda muitos pontos em disputa e muita coisa pode acontecer. O que ninguém nos pode tirar é a felicidade de estarmos com a pontuação que temos, com o primeiro objetivo - a manutenção, já garantido. Agora se me perguntar se o Famalicão não quer subir? Não é isso que está em jogo, esta direção não diz que não quer subir, o que esta direção diz é que não é prioritário a subida, não é uma obsessão a subida, nem é candidato. E só nunca fiz esta referência a outro nível, porque entendi que é aos nossos sócios que o devo fazer em primeiro lugar e esta revista será direcionada, em primeira instância, aos nossos sócios. Eles vão saber, através deste novo canal oficial do clube, que se essa oportunidade surgir vamos agarrá-la com unhas e dentes, porque somos gente de trabalho e que não se limita a que as coisas aconteçam por acontecer.

1931: Seja na 1.ª ou na 2.ª Liga, parece certo que há obras que terão mesmo de avançar. Que intervenções urgentes são essas a que se refere?

JS: As obras urgentes são os balneários e os túneis de acesso ao relvado. Independentemente do FC Famalicão subir ou não, são obras essenciais e tem efetivamente que ser feitas.

1931: E vão ser feitas?

JS: Têm e vão ser feitas, sob pena do clube entrar em incumprimento e ser recorrente nesses incumprimentos. Essa não é a nossa forma de estar. Aliás, estamos em sintonia

PUB

com a Câmara Municipal para estas obras que mencionei, mas também para um outro conjunto vastíssimo de intervenções que são absolutamente necessárias, algumas que vão além do estádio. Estamos já a pensar na construção do futuro centro de treinos do FC Famalicão, porque essa é uma das grandes prioridades desta direção e da autarquia, onde estamos a concentrar as nossas forças. Se queremos um Famalicão com futuro a crescer ainda mais e a afirmar-se, essa é uma obra fundamental.

1931: Neste momento, qual é a maior dificuldade para se exercer o cargo de presidente?

JS: A maior dificuldade é quase transversal a todos os clubes. Refiro-me à vertente financeira. É muito difícil. O FC Famalicão ainda paga dívidas do passado, dívidas com um significado muito grande em termos do orçamento. É importante fazer aqui referência ao facto do Famalicão ter honrado todos os seus compromissos, nomeadamente com dívidas do passado, tentando negociá-las, liquidando ou-tras que vão surgindo e tendo todas as contas em dia com os nossos profissionais, segurança social, fisco e com todos os outros agentes. Só a título exemplificativo, estamos em conversações com a Federação Portuguesa de Futebol, para a resolução do caso Menade, jogador argelino que passou pelo FC Famalicão na época 91/92. E como esta, muitas outras situações.

1931: Alguma vez se sentiu um homem só?

JS: De maneira alguma. Nas coisas boas ou nas menos boas, tenho um grupo de trabalho extraordinário, sempre presente e sempre preocupado. Portanto, mesmo na hora das grandes decisões procuro sempre o diálogo e a partilha. Garanto que não sinto solidão de espécie alguma, porque o grupo de trabalho tem sido extraordinário, na dedicação, na entrega e tem sido absolutamente fantástico ter oportunidade de conviver com todos. Por isso digo que esta tem sido uma caminhada extraordinária, incrível mesmo.

1931: Quanto negócio das transmissões televisivas, há algum fundamento de verdade nas notícias que dão conta de um suposto acordo que o Famalicão já terá assinado? O que é que os sócios do Famalicão devem saber sobre este negócio?

JS: Podem e devem saber tudo, aliás esta foi uma promessa que fiz em campanha, uma promessa minha e de toda a estrutura diretiva que me acompanha, de que os sócios vão ser sempre conhecedores de toda a verdade relacionada com o clube, disse-o na Assembleia Geral aquando da nossa eleição e é as-

“Está a ser uma caminhada extraordinária



O FC Famalicão ainda paga dívidas do passado e com um significado muito grande em termos do orçamento. Temos honrado todos os compromissos, nomeadamente dívidas do passado e todas as contas estão em dia com os nossos profissionais, segurança social, fisco e outros agentes.

sim que tem de ser. Houve contactos do Famalicão com alguns agentes, mas o FC Famalicão tem um contrato até 2018 com a PPTV e nós não somos já pessoas de rasgar contratos, por isso, vamos cumprir integralmente esse contrato, mas vamos naturalmente, caso nos seja possível, melhorar o mesmo. Temos tido conversações, aliás foram efetuadas propostas de outros operadores realmente bastante mais vantajosas, em alguns casos mais do dobro dos valores que atualmente recebemos. Entretanto a Liga de

clubes, por via do seu presidente - o Dr. Pedro Proença, pediu aos clubes um voto de confiança que permitisse à Liga e à direção, negociar com os operadores na perspetiva de melhorar os vários contratos. O Famalicão acedeu a esse pedido em reunião com os clubes da 2.ª Liga, demos esse voto de confiança ao presidente Pedro Proença para efetuar essas negociações, na perspetiva de melhorar os vários contratos. Nós não assinamos nada, além do contrato que já tínhamos com a PPTV. O presidente da Liga pediu



Museu da Indústria Têxtil

Paredes que guardam sonhos... E frustrações

O museu da indústria têxtil foi o local escolhido para a realização desta entrevista, e não foi por acaso, já que neste mesmo espaço Jorge Silva começou a trabalhar como fiel de armazém. Mal se abriram as portas do museu, Jorge Silva percorreu todo o edifício, como se ainda hoje o soubesse de cor. Assinalou as enormes diferenças entre aquilo que o edifício era no seu tempo e no que hoje se transformou, sorriu e, ato contínuo, percebemos que estava a ser assaltado pelas memórias do seu passado. Foi puxar uma cadeira e iniciar ali mesmo a conversa.

1931: Que memórias recorda do seu passado ao entrar neste local?

JS: Mal aqui entrei lembrei-me logo dos meus colegas de trabalho, o Sr. Amadeu Mesquita, o Sr. Américo a D. Ivone, os patrões Manuel Barbosa e Paulo Gonçalves, lembro-me ainda de um colega mais novo, o Paulo, o Vilas Boas e essencialmente olhando para este espaço onde trabalhei durante dez anos, percebo o quanto estas paredes guardam os sonhos que fui tendo e algumas frustrações. Neste preciso local onde estamos agora a conversar, que era o antigo armazém, recordo um dos maiores desafios da minha vida, quando uma pessoa se dirigiu a mim e diz-me que “nunca seria ninguém”, porque não tinha um ofício, não tinha uma especialidade e que por isso nunca iria ser ninguém na vida. Eu tinha apenas 17 anos e creio que esse foi um dos momentos mais marcantes da minha vida, porque me criou uma espécie de revolta interior e que fez com que eu, a cada dia, procurasse ser melhor, evoluir (suspiro), mas são muitas memórias e muitas emoções.

É de facto um espaço marcante da minha vida, pois estamos a falar de um armazém de naps e tecidos à época e, curiosamente, esta é a minha vida, os tecidos continuam a ser a minha vida. Eu diria que aqui foi a minha formação académica superior, foi a minha universidade, por isso fica essencialmente um sentimento de gratidão aos meus colegas porque foram uns mestres.

1931: Algum dia voltou a cruzar-se com essa pessoa que disse que “nunca seria ninguém na vida”?

JS: Confesso que não sei o nome, nem sei exatamente de onde é, mas lembro-me bem do carro que tinha - uma Bedford. Mas acredito, não guardo rancor, aliás, estou-lhe grato também, porque embora na altura aquelas palavras tivessem sido de uma crueldade tremenda porque me pareciam uma sentença, a verdade é que isso provocou em mim uma espécie de luta interior e fez com que eu procurasse ser sempre melhor em todas as minhas atividades e me tentasse superar, inclusive na relação com os outros. Portanto, esse foi efetivamente um momento marcante da minha vida e foi precisamente neste espaço onde nos encontramos agora.

SOBRE O MUSEU

Situado na Rua José Casimiro da Silva, no lugar do Outeiro, em Calendário, o museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, é um museu arqueológico-industrial que além de apresentar uma síntese da evolução histórica da industrialização desta região, expõe ainda uma vasta e fascinante coleção de máquinas têxteis que fazem parte da nossa história industrial. Outra das atividades é a edição regular de publicações, desde catálogos de exposições, boletins informativos, a revista ‘Arqueologia Industrial’, publicada desde 1987 e que atualmente é a única revista científica do género, que se publica em Portugal.

O Museu pode ser visitado de terça a sexta-feira das 10h00 às 17h30 e aos sábados e domingos das 14h30 às 17h30. A entrada é gratuita.

dois meses e eles estão praticamente cumpridos, por isso aguardamos com toda a serenidade essas explicações sobre o ponto da situação relativamente às várias negociações que estão a ser feitas. A este nível, para já, é tudo o que devo e posso dar a conhecer aos nossos sócios.

1931: O que é que o Jorge Silva pensa de Pedro Proença e do seu trabalho neste curto espaço de tempo?

JS: Nas ligações que vamos tendo com o Dr. Pedro Proença, percebemos

claramente que é uma pessoa competente, dinâmica, extremamente focado, conhecedor do mundo e do fenómeno futebol e paralelamente apresenta conhecimentos do mundo empresarial. Tenho uma excelente impressão de Pedro Proença e nas diversas conversas que fui tendo com ele, percebe-se que é uma pessoa serena, de convicções, e a este nível parece-me que estamos bem servidos. Aliás, penso que o futebol terá a ganhar com a inteligência, com a experiência e com a dedicação do Dr. Pedro Proença.

O amor pelo FC Famalicão não conhece limites nem fronteiras. Foi a pensar nas dezenas de estórias que fomos escutando ao longo dos anos, que resolvemos lançar este desafio a todos os sócios, adeptos e famalicenses espalhados pelos quatro cantos do mundo. Este é o nosso desafio a todos os que amam o FC Famalicão e estão dispostos a mostrar esse amor ao mundo inteiro. Seja numa viagem de negócios, de férias ou simplesmente para os nossos emigrantes espalhados pelos cinco continentes, o repto é bastante simples: basta fotografar o símbolo do FC Famalicão (através de camisola, cachecol ou bandeira) nos locais mais improváveis do planeta, e com isso, habilitam-se a uma camisola oficial do clube autografada por todo o plantel. As fotografias devem ser enviadas para o endereço de e-mail: fcfamalicao@fcfamalicao.pt, com nome completo, morada de residência do autor e local e data do registo fotográfico. Os participantes devem ainda fazer menção de autorização de utilização da fotografia por parte do FC Famalicão. A partilha de fotos pode ser feita também na rede social do facebook usando o hashtag: #fcfamalicao@fcfamalicao. Cada participante pode apresentar a concurso um máximo de três fotografias por mês. Fácil, não é? Então toca a divulgar a iniciativa e a colocar a criatividade em marcha.

Uma lança na diáspora



COSTA & FERNANDES

ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO
DE CONDOMÍNIOS

DESDE 1993

Rua Adriano Pinto Basto, 228
2º andar, sala 16
4760-114 V.N.Famalicão

t.: 252 375 213 | 917 778 985 | 912 245 703
costaefernandes@gmail.com
www.costaefernandes.com

“O futuro joga-se aqui, diariamente



Mário Almeida, vice-presidente e responsável máximo pela formação do FC Famalicão, falou à 1931 sobre o projeto ambicioso que a direção tem para o departamento de formação. No único sintético que o clube dispõe para todos os escalões de formação, por onde passam diariamente cerca de trezentos atletas, o dirigente deixou a garantia de que num futuro próximo o centro de treinos “será uma realidade” e com isso, assegura, “o clube só terá a ganhar com a excelência na formação”.

Entrevista de JOSÉ Ribeiro
Fotos de JOÃO Macedo

1931: Qual é o projeto que o FC Famalicão tem para a área da formação?

Mário Almeida (MA): O nosso grande objetivo a curto prazo, será a construção do nosso centro de treinos. Temos já mais de três centenas de atletas que aqui passam diariamente e se queremos crescer qualitativamente essa é uma obra fundamental. Atualmente este é um trabalho de enorme dedicação por parte de cerca de 35 treinadores e respetivas equipas técnicas, departamento médico, rouparias e um corpo diretivo com cerca de 30 elementos que dão igualmente um apoio importante. Contas feitas, quer dizer que temos mais de 400 pessoas envolvidas neste projeto da formação e gerir tudo isto num único relvado de futebol de 11 é tarefa quase impossível.

1931: O centro de treinos ajudará a que a formação e o clube possam atingir um patamar de excelência?

MA: Exatamente. Está na hora de colocar todos os escalões da formação nos nacionais e para isso o centro de treinos

é a obra fundamental, que creio, estará para breve, mas por agora prefiro não me alongar muito mais, porque a seu tempo será divulgado. No entanto, posso assegurar que a autarquia terá aqui um papel preponderante e está em sintonia com o FC Famalicão, para que num curto espaço de três anos possamos ter as equipas – desde os juniores aos iniciados nos nacionais. Claro que temos há já algum tempo os iniciados nos nacionais e com resultados extremamente interessantes e estão por isso de parabéns. Nos juvenis e nos juniores não temos objetivo de subida este ano, no entanto implementamos uma série de metodologias, alteração de comportamentos e métodos de trabalho que estão já a dar frutos, pois as equipas estão no topo da tabela e, por isso, tudo pode acontecer. Pensamos que este é o caminho para um crescimento sustentado do FC Famalicão.

1931: Que equipas poderão este ano chegar aos nacionais?

MA: Sem querer colocar pressão, e

aproveitando para deixar aqui uma palavra aos meus parceiros de trabalho - Rui Borges, Paulo Sampaio e Nuno Moreira -, devo dizer que estabelecemos como prioridade não a subida, mas a alteração de métodos e comportamentos, porque sabíamos que isso por si só faria com que os resultados surgissem. Neste momento temos os juniores destacados na liderança do campeonato, com fortes possibilidades de subir à segunda divisão nacional, para depois dar um outro passo em direção à primeira divisão. No caso dos juvenis, também estamos na luta, embora essa seja uma luta mais difícil, mas se isso acontecer (a subida) poderemos ter uma dupla ascensão já que os juvenis B lideram o seu campeonato destacadíssimos e poderão passar para a divisão de honra.

1931: Um dos maiores problemas da formação, praticamente em todos os clubes, é a constante interferência dos pais no trabalho dos vários agentes desportivos. De que forma é que o departamento de formação lida com essas situações?

MA: Efetivamente esse é o ponto mais complexo que temos de gerir. Costumo dizer que difícil não são as crianças, já que são todas fantásticas, mas é bastante complicado lidar com alguns dos pais. Temos um regulamento que foi dado a conhecer a todos, mas mesmo assim já tivemos de intervir em situações desagradáveis. O que nós temos de assegurar é que se cumpram as regras, quem quiser estar connosco tem de as cumprir, caso contrário teremos de seguir caminhos diferentes. Como pai que sou, bem sei que os nossos filhos são sempre os melhores, mas os pais tem de pensar que nós estamos aqui para formar e tentar fazer o nosso melhor, ainda que muitos pensem que temos aqui 330 Cristianos Ronaldos.

1931: O FC Famalicão pretende afirmar-se como escola de talentos?

MA: Muita gente pode olhar para o departamento de formação como uma espécie de ocupação de tempos livres, e é. No entanto, temos a legítima ambição de formar jogadores e atletas de qualidade e se queremos ser uma equipa competitiva, não nos poderemos fechar exclusivamente ao nosso meio, ao nosso concelho. Portanto, não se admirem se num futuro próximo incluímos no nosso lote de jogadores atletas de outras cidades, porque o objetivo é crescer qualitativamente. Por isso, não poderemos fechar portas ao talento, seja ele de onde for. Só o trabalho, a dedicação e o esforço poderão conduzir ao sucesso, porque no passado, assistimos ao abandono do clube por parte de vários atletas e nós pretendemos inverter esse cenário, criando condições de trabalho.

1931: Todas as crianças que cruzam os portões deste estádio, seguramente que ambicionam chegar um dia à equipa principal, mas só muito poucos o conseguirão. Este departamento prepara também todos estes jovens para um eventual cenário de insucesso nas carreiras desportivas?

MA: Essa é a parte complexa do trabalho, até porque desde cedo incutimos nos jovens um forte espírito de luta e sacrifício, mas no fundo esta escola de futebol não é muito diferente da escola da vida e eles percebem com naturalidade que no futebol como na vida, não podemos ganhar sempre. No entanto, devemos lutar sempre contra as adversidades.





Futebol Club



Plantel do FC Famalicão, Época 2015/2016

e Famalicão



Em cima (da esquerda para a direita): Emanuel, Silvério, Vitor Vinha, Diogo Santos, Vilaça, Murta, Leandro, João Pedro, Medeiros, Daniel e Chastre.

Ao meio: Vitor Lima, Vitor Alcino, Renato Pontes, Daniel Ramos, Tiago Sousa, Ricardo Ribeiro, Mércio, Chico e Palheiras.

*Em baixo: Eder Diego, Mendes, Amessan, Luís Alberto, Joel, Ibraima, Jorge Miguel, Mauro, Feliz e Correia.
Nesta foto falta Johan Lengoualama.*

FOREVER[®]

restaurante

muito mais do que uma simples francesinha...



FOREVER FAMILICÃO
Rua Nuno Simões
Ed. Varandas Vila Nova, loja 4
Vila Nova de Famalicão

Telef.: 252 376 988
Encerra: Terça-feira

FOREVER BRAGA
Avenida D. João II, 97
Nogueiró (junto ao Hotel Lamações)
Braga

Telef.: 253 273 665
Encerra: Terça-feira



Futebol Clube
Famalicão
Desde 1931



FAZ-TE SÓCIO DO VILA NOVA!

| | |
|-------------------------------|--------------------|
| EFETIVO | 5,00 MÊS |
| MULHER | 2,50 MÊS |
| ESTUDANTE | 2,50 MÊS |
| REFORMADO | 2,50 MÊS |
| JOVEM (ATÉ 16 ANOS) | ISENTO |



MAIS INFORMAÇÕES NA SEDE DO CLUBE
CENTRAL DE CAMIONAGEM DE VN FAMILIÇÃO

SEG. A SEX. 09.00H-12.30H | 14.00H - 18.30H
TELEFONE: 252 315 026

1931: Que sonhos transportava quando, em 2001, pela primeira vez, assumiu o cargo de treinador?

Daniel Ramos [DR]: Lembro que essa oportunidade surgiu de forma inesperada, pois assumi o cargo numa fase de transição e dois bons resultados acabaram por ditar a minha oportunidade. Felizmente consegui atingir o objetivo da época que era a manutenção do clube. Como na altura conciliava o cargo de treinador com os estudos, fui vendo onde é que a aventura ia dando, mas depois o convite de um clube vizinho [Dragões Sandinenses], fez-me pensar que aquela poderia ser mesmo a minha vida e o desejo de chegar à 1.ª Liga foi igualmente crescendo.

1931: Quinze anos e onze clubes depois, qual o clube que o mais o marcou?

DR: Posso enumerar dois ou três. As subidas de divisão marcam, ficam na história, como a subida pelo Trofense e o União da Madeira, mas o clube que mais me marcou e continua a marcar é sem dúvida o FC Famalicão, onde tenho vivido as memórias desportivas mais intensas, sobretudo nestes dois últimos anos em que conseguimos alcançar os objetivos, ao mesmo tempo que vemos o clube crescer. Depois, esta época porque está a transcender as expectativas, portanto é uma espécie de três em um. Tem sido excecional.

1931: Tem já um vasto currículo e seguramente muitas histórias para contar, inclusive um despedimento no mínimo caricato. Quer partilhar essas memórias?

DR: Quando cheguei a Ribeirão, pediram-me para entrar na luta pelos lugares de subida, ainda que isso fosse difícil, já que o clube andava entre o oitavo e o décimo lugar, mas o que é certo, é que nós chegamos à última jornada a lutar pela subida de divisão. Depois disto, eu tinha ainda mais um ano de contrato, mas comecei a sentir uma pressão exterior muito forte, uma interferência que não era saudável, ao ponto de pensar em desistir, o que só não aconteceu por respeito ao grupo de trabalho. Mas depois, logo na primeira jornada aconteceu algo impensável, pois fui despedido por mensagem ao intervalo, enviada pelos investidores do clube ao presidente, curiosamente num célebre jogo FamalicãoxRibeirão...

1931: Quem eram esses investidores?

DR: Eram investidores brasileiros que nem sequer estavam cá e duvido que percebessem muito de futebol, sobretudo

Assume-se como o 'maquinista' de uma locomotiva que não pára de surpreender.

Na viagem pelos 15 anos como treinador, Daniel Ramos garante que o FC Famalicão é o clube que mais o marcou e onde tem "vivido as memórias desportivas mais intensas".

Neste percurso há muitas histórias para contar – a mais caricata de todas, a de um despedimento por SMS que o colocou na rota do FC Famalicão.

Entrevista de JOSÉ Ribeiro
Fotos de JOÃO Macedo

do pela forma caricata como tudo aconteceu...

1931: Foi despedido ao intervalo e por mensagem?

DR: Exatamente. A mensagem já tinha sido enviada ao intervalo, muito embora eu só tenha tido conhecimento dela no final do jogo, pelo então presidente o Sr. Adriano, que com receio me chamou à parte, para dizer que com muita pena dele eu não poderia continuar. Na altura pensei tratar-se de uma brincadeira, mas percebi que ele estava a falar a sério. Eu segui o meu caminho, que por ironia do destino, fez com que eu regressasse ao ativo novamente num Ribeirãox Famalicão, alguns meses depois e felizmente entrei a ganhar.

1931: Já disse por diversas vezes que um dia vai chegar à 1.ª Liga. Acha que isso poderá acontecer já na próxima temporada?

DR: Acredito que sim. Primeiro, porque já estive bem perto e isso é um indicador que a oportunidade pode surgir a qualquer momento e depois pelo acumular destes pontos positivos, pelo trabalho que tenho desenvolvido e nesse aspeto o Famalicão está a dar-me uma visibilidade enorme. O percurso feito está a acrescentar claramente no meu currículo e na minha carreira de treinador e a soma de todas estas partes, faz-me acreditar

que essa oportunidade pode surgir já na próxima época.

1931: Onde é que o Daniel Ramos se vê a treinar nos próximos quinze anos?

DR: Na 1.ª Liga, se possível num clube grande e a disputar títulos.

1931: Exclusivamente na 1.ª Liga portuguesa ou vê-se a treinar numa Liga de outro país?

DR: Numa 1.ª Liga. Pode ser em Portugal ou noutro país, desde que seja uma liga boa e competitiva. Se pudesse escolher, escolhia o campeonato inglês.

1931: Costuma dizer-se que o sucesso nunca acontece por acaso. De que forma explica o sucesso do FC Famalicão esta temporada?

DR: São vários fatores. Primeiro devido a um triângulo importante: estrutura diretiva, equipa de trabalho e massa associativa. Este entendimento e esta empatia são muito importantes. Depois a confiança total por parte desta direção. Passei aqui por momentos mais compli-



“Tudo pode acontecer!”

cados e a confiança da direção foi importante para inverter o percurso. Destaco ainda o grupo de trabalho e quando falo no grupo de trabalho, falo em toda a estrutura: jogadores, treinadores, diretor desportivo, departamento de futebol, departamento de comunicação, departamento médico e a nossa rouparia. Esta estrutura tem dado uma resposta muito boa, sobretudo nos momentos menos bons. Soubemos criar soluções para os problemas e trabalhar em equipa. Depois, trouxéssemos a massa associativa para nosso lado. Somos agora a equipa que mais gente leva aos estádios na 2.ª Liga e estamos no topo das melhores assistências a nível nacional. Neste capítulo somos já claramente um clube de 1.ª e isto consegue-se com trabalho, dedicação, paixão e amor ao futebol. Aqui as pessoas gostam muito do futebol. No fundo, sofremos juntos, celebramos juntos e o clube só tem a ganhar com esta

proximidade. Paralelamente a isto há um outro aspeto importante que é uma dedicação e empenho diário, porque nós vivemos para isto. Eu costumo dizer que o não planear é planear o insucesso.

1931: Quais os aspetos que considera mais difíceis na vida de um treinador?

DR: Desde logo ser julgado pelo desempenho do seu jogador, é atribuírem as culpas todas ao treinador, sabendo que muitas vezes sou até o menos culpado, mas como sou o líder da equipa, sou aquele a quem cobram no caso da derrota, mesmo sabendo que somos os mesmos que venceram na semana passada. Às vezes, sinto uma certa injustiça, porque se olha apenas para o resultado e pouco para as contingências. Custa, sei que é assim, vai continuar a ser assim, mas levamos com as culpas todas e às vezes de forma injusta.

1931: Estando no banco de suplentes sujeito

a uma avaliação e crítica constantes, nunca sentiu esse banco, como uma espécie de banco dos réus?

DR: Às vezes sim, porque se cobra em demasia, incentivam-nos a que se mexa na equipa por tudo e por nada, eu tive casos caricatos de já ter feito três substituições e ainda assim estar a ser pressionado para mexer na equipa (risos) e a malta sempre a pedir para mexer na equipa...

1931: Sendo impossível não escutar essas críticas, que técnica usa para minimizar essa pressão?

DR: É pensar bem e pensar pela minha cabeça, porque se errar, erro por mim, não me vou deixar influenciar por aquilo que os outros pensam. Se eu errar pelos outros vou recriminar-me a seguir. Eu crio bastantes cenários, converso com os meus adjuntos, crio-lhes um cenário e depois o que eu menos espero é um ‘nîm’. Ou sim ou não. Essa tomada de

decisão é muito importante, porque o treinador tem um papel importante a mexer e a não mexer. Às vezes, a não tomada de uma decisão também pode ser importante.

1931: Qual é a importância da sua equipa técnica?

DR: É altíssima, todos sabem as suas funções, todos são ouvidos, todos têm opinião, em cada sessão de treino, em cada pausa de jogo, em todos os momentos durante a semana eles têm o canal de comunicação aberto, para me informarem de modo a poder tomar uma decisão, ou, caso não esteja presente, eles poderem decidir. Portanto, existe grande empatia, uma grande simpatia e confiança.

1931: E quem é que sofre mais com as críticas que muitas vezes lhe são dirigidas?

DR: Normalmente acaba por ser quem está próximo, a equipa de trabalho ou seja toda a estrutura, tal como a família. A minha esposa, por exemplo, não vem ao futebol porque quer evitar todo o tipo de dissabores e sofre muito com isso, mas fica em casa a sofrer, acompanhando pela rádio os desafios, sofrendo de uma outra forma. E todos os meus familiares diretos, os meus pais e o meu sogro sofrem bastante, se bem que aqui não tenho tido muitas razões de queixa, porque vão festejando mais vezes.

1931: O que é que o adepto comum, o cha-

mado treinador de bancada, desconhece das opções que o treinador tem de tomar no dia do jogo, ou mesmo antes disso, no dia da divulgação da convocatória?

DR: Olhe, desconhece desde logo a semana de trabalho. É muito fácil chegar aqui, ver jogar este ou aquele e dizer que devia entrar este e não o outro, desconhecendo a semana de trabalho, não sabendo o que o jogador A ou B fez durante a semana, se o jogador está doente, se teve algum tipo de lesão, não sabe se o jogador está com confiança. E como não sabe, não é conhecedor daquilo que se passa e não tendo toda a informação, não devia ter a legitimidade para contestar ou afirmar, ou fazer da sua opinião a opinião mais válida. Deveria ponderar um pouco mais.

1931: Estamos a entrar numa fase decisiva do campeonato e conhecendo há já algum tempo esta massa associativa, que garantia pode deixar aos sócios e adeptos do FC Famalicão?

DR: Desde logo um apelo: que estejam connosco. Em segundo lugar, que não tenham dúvidas que a equipa vai dar o máximo em cada jogo, por isso, ao estarem connosco e a equipa a dar o máximo, tudo pode acontecer. Vamos continuar a ser uma equipa determinada, que quer muito lutar pelo resultado do próximo jogo, que vai querer continuar a dar alegrias e a lutar pela melhor classificação possível.

Impressão digital

1931: Uma vitória que não esquece?

DR: O jogo da subida, pelo jogo em si e pelo significado de ter representado o esforço de uma temporada. Mas o momento da época foi o jogo frente ao Varzim, em casa.

1931: Um local que goste particularmente em Famalicão?

DR: Sinceramente... O estádio. É a minha igreja.

1931: Um local ideal para descansar?

DR: O meu apartamento em Vila do Conde, à beira mar.

1931: Um vício?

DR: Mais que um. Confesso que gosto de jogos de estratégia, onde pertenço a um grupo [clã] há mais de três anos. É uma forma de conviver, porque aquela malta [cerca de 50] também já é toda pelo Famalicão.

1931: Defina numa palavra a massa associativa do FC Famalicão?

DR: Fico dividido entre entusiasmo ou paixão.

1931: Quem é o melhor treinador do mundo?

DR: Aquele que ganha mais vezes.

1931: O melhor jogador do mundo?

DR: Vou ser patriota – Cristiano Ronaldo.

1931: A melhor liga do mundo para se treinar?

DR: A liga inglesa.

MUSEU FERROVIÁRIO NÚCLEO DE LOUSADO

É um dos dois núcleos do concelho (o outro está situado em Nine) que fazem parte dos vários polos do Museu Nacional Ferroviário. O núcleo de Lousado tem grande relevância no contexto ferroviário português e encontra-se instalado nas antigas oficinas da companhia de Caminhos de Ferro de Guimarães. Ao visitar o museu ferroviário do núcleo de Lousado, encontra material de passageiros de 1874 a 1906 e várias locomotivas, numa viagem pelos tempos áureos dos comboios "pouca-terra, pouca-terra". O acervo exposto é oriundo de oito companhias, adquirido em seis países e a treze construtores. A entrada é gratuita.



PUB

Do **banco** das escolas...



para as **bancadas**

Por certo que todos já escutamos da boca dos nossos pais, que "é de pequenino que se torce o pepino". Mais do que tentar inventar seja o que for, colocamos em prática a sabedoria popular, que vem já do tempo dos nossos avós. No fundo é alimentar esta paixão pelo FC Famalicão, que

começa desde muito cedo, numa ideia que pretende percorrer as escolas do concelho e mostrar aos mais novos o que é ser um atleta de futebol profissional nos dias de hoje, dando espaço a que os mais novos coloquem todas dúvidas aos nossos jogadores. No final do convívio, os alunos são

presentados com entradas para o próximo jogo em casa do Famalicão, isto além das habituais fotografias e autógrafos da 'praxe'. Todos garantem que a experiência é enriquecedora e a avaliar pelo sorriso documentado nas fotografias, não duvidamos. É uma goleada!



PUB

“O Famalicão é um amor para a vida

Chegou a Famalicão com 24 anos de idade, proveniente do Fósforos, popular clube da capital nos anos 40 do século passado.

Natural de Setúbal, Manita era um 'habilitoso' extremo direito que se mudou para o norte, para fazer parte da equipa do FC Famalicão, que disputou pela primeira vez o antigo campeonato nacional da 1.ª divisão (1946/47). Apaixonou-se pelo clube, pela cidade e por uma bela famalicense. Casou, teve dois filhos e traz consigo inúmeras histórias, com que finta o destino sempre com um sorriso no rosto.

Entrevista de JOSÉ Ribeiro

Por toda a cidade, em especial junto dos sócios e adeptos mais antigos, o nome de Manita não passa despercebido. Aos 93 anos, exibe uma jovialidade invejável e traços de um fino humor que ainda não desapareceu. De todo. A memória não é a melhor, é certo, mas basta um sorriso maroto, uma breve lembrança das muitas histórias que a filha ouviu durante anos a fio, para que Manita, de repente, recupere o fio à meada e engate numa aventura pelo tempo da brilhantina no cabelo, dos jogos no antigo campo dos Bargas e das fintas que pregou ao destino. Marcamos encontro para o 14 de março (e não foi por acaso), junto à Fundação Cupertino de Miranda e às 16 horas em ponto, Manita dispensou mais de uma hora no dia do seu nonagésimo terceiro aniversário, para conversar com a 1931.

1931: O que é que se sente quando se chega aos 93 anos de idade?

Manita (M): Quando se chega aqui, vive-se de conversas, de encontros na rua com as pessoas que me viram jogar. Ainda hoje sou reconhecido por muita gente, sobretudo por aqueles adeptos ferrenhos. É engraçado poder reviver todas as histórias, essencialmente com os adeptos, aqueles que tantas vezes nos aplaudiram e noutras ocasiões, se calhar, até nos chamaram nomes [risos].

1931: O futebol tem essa capacidade de despertar paixões 'aparentemente' contraditórias?

M: Isso faz parte. Mas basta um golo, e então se for o golo da vitória tanto melhor, para que o adepto esqueça tudo e faça uma festa enorme.

1931: Vestiu muitas vezes essa pele de herói?

M: No meu tempo jogava como

extremo direito, mas tinha uma preocupação enorme em não deixar a minha ala desprotegida.

1931: Que memórias guarda dos tempos em que chegou a Vila Nova de Famalicão?

M: Quando cheguei, o clube hospedou-me numa moradia, por coincidência, junto da casa da mulher com quem mais tarde acabei por casar. Foi chegar e conquistar [risos].

1931: Foi “chegar, ver e vencer”...

M: Não, eu vim para ganhar é certo, mas a verdade é que comecei logo a ganhar fora das quatro linhas, porque ela aceitou namorar comigo. Talvez por ser de fora, caí nas graças dela. De vez em quando ia ver-me jogar ali ao campo e creio que isso pode ter ajudado a impressioná-la, porque eu me esforçava ainda mais para marcar um golo.

1931: Quer dizer que o futebol deu-lhe muito para além das tardes de glória, dentro das quatro linhas?

M: O futebol deu-me muito, embora também tenha dado alguma coisa ao futebol, muitas vezes até com prejuízo da minha vida pessoal.

1931: Nesse tempo, a massa adepta do FC Famalicão já era exigente?

M: Era. Só para ter uma ideia, quando um jogo não corria tão bem, nós demorávamos mais no balneário para não ter que ficar com as orelhas a arder. Eram outros tempos, mas tudo acabava por correr bem. Acredite que era uma massa associativa que também nos defendia, sobretudo quando íamos jogar fora. Se alguém nos quisesse fazer mal, esta gente não nos abandonava, o que era extraordinário.





Plantel do F.C. Famalicão, época 1945/1946



Plantel do Sporting de Lobito (Angola)

Aos 93 anos de idade, Manita aceitou o desafio de recuperar algumas histórias, tantas quanto a memória ainda o permite. A entrevista decorreu na Fundação Cupertino de Miranda, junto ao famoso tríptico: “A Vida - Esperança, Amor, Saudade” – do pintor António Carneiro (1899-1901). A escolha do local não poderia ter sido mais feliz, já que esta obra-prima da pintura simbolista portuguesa, representa as três fases da vida.

À esquerda uma jovem mãe e uma criança que simbolizam a Vida e o seu início no qual depositamos Esperança; no quadro central o Amor que escolhemos para percorrer os caminhos da vida, e no painel da direita a representação da saudade pela viúva e pela mesma criança que aparece no painel da esquerda, conferindo a continuidade do ciclo da vida.

Situada na Praça D. Maria II – a Fundação Cupertino de Miranda é dotada de um auditório, de um centro de estudos do surrealismo, do Espaço Fernando Lemos e Mário Cesariny. Possui serviço educativo, loja-livraria, biblioteca e as mais variadas exposições. Aberta ao público de segunda a sexta entre as 10h00 e as 12h30 e das 14h00 às 18h00. Entrada gratuita.



“Quando fecho os olhos sinto que foi ontem

1931: Desses tempos há alguma memória mais vincada que queira partilhar?

M: Há muitas histórias, porque naquele tempo nós tínhamos jogos muito difíceis e quando ganhávamos era uma grande festa. Eram quase acontecimentos únicos, porque nesta zona havia clubes muito fortes como o Braga, Guimarães e outros aqui nos distritais, porque só depois é que vinham os nacionais. Mas recordo com especial saudade as jantaradas que fazíamos, sobretudo depois das vitórias, na casa Pêga. Ali era um regalo – [aliás ainda hoje lá almocei].

1931: Eram tempos muito diferentes dos de hoje?

M: Ahhh... Sim, desde logo porque nós trabalhávamos e jogávamos. Não havia o profissionalismo que há hoje, embora muitas vezes um ou outro jogador não fizesse mais nada. Eu, por exemplo, consegui um emprego graças a um tal de Amadeu Mesquita, que era gerente de um banco aqui e me arranjou um emprego numa casa que vendia material diverso, junto ao antigo hotel Garantia. Era uma vantagem que por vezes tínhamos, enquanto jogadores de futebol, conseguíamos um emprego melhor.

1931: Quando perdiam em casa, como era o regresso, na segunda-feira, ao local de trabalho?

M: Na verdade só nos apetecia ficar em casa. Mas também faz parte do futebol, às vezes perde-se jogando melhor que o adversário, mas a meio da semana já estava tudo perdoado

e nós já só pensávamos na desforra logo no jogo seguinte.

1931: Ainda se lembra de Szabó?

M: Perfeitamente [pausa para respirar fundo] – János Szabó – era Húngaro, sabe?! Quando as coisas estavam ‘negras’ ao intervalo, ele chegava ao balneário aos gritos e explicava o que deveríamos fazer para inverter o resultado.

1931: E vocês obedeciam?

M: Que remédio. Ele tinha um enorme porte atlético, metia respeito, mas era uma belíssima pessoa e um excelente jogador. Tinha muita habilidade para jogar futebol e para treinar. Era um bom camarada.

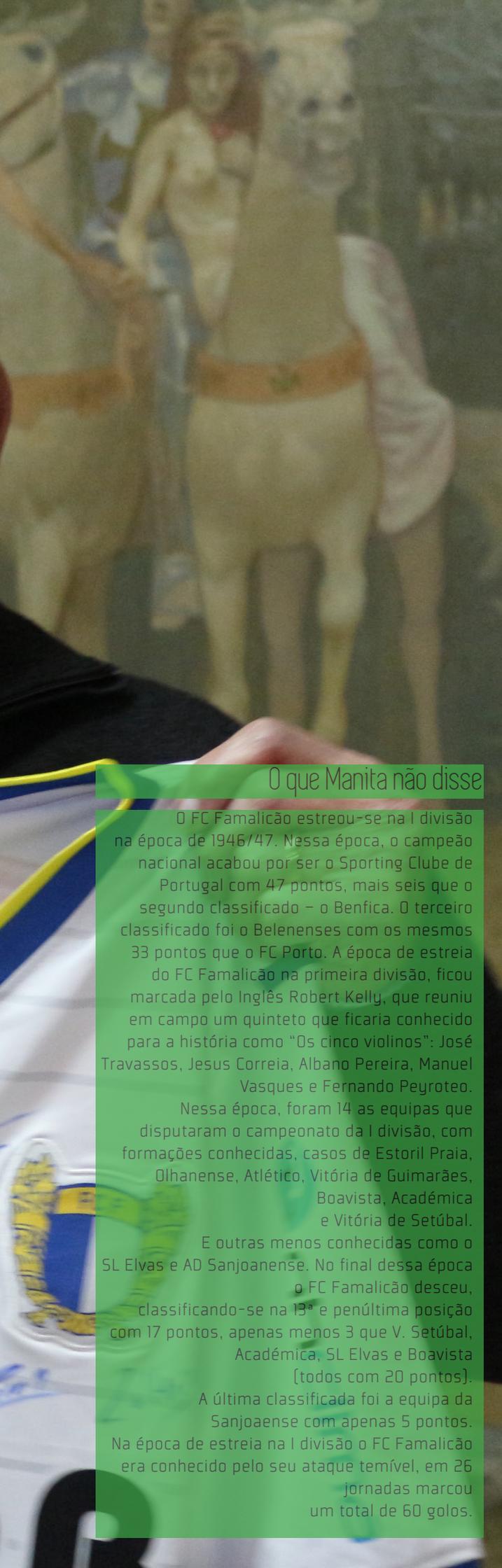
1931: Pela sua experiência, qual é o segredo para se conquistar um campeonato, ou para se vencer mais vezes que o adversário?

M: O conhecimento. Primeiro é fundamental conhecer a nossa equipa, mas também conhecer o adversário, saber quais são os seus pontos fortes e fracos, fazer um bom planeamento e depois a união. Lembro que no meu tempo nós eramos como uma família e eu lembro-me de quase todos eles.

1931: Naquele tempo já se notava um grande fervor das gentes de Famalicão?

M: Os jogos em nossa casa eram uma espécie de acontecimento único. Estádio sempre cheio, muito embora naquele tempo existissem já equipas fortíssimas, como o Benfica, Sporting, o FC Porto, o Vitória de Setúbal da cidade onde nasci e que defrontei com a camisola do FC Famalicão. Naquele tem-





O que Manita não disse

O FC Famalicão estreou-se na I divisão na época de 1946/47. Nessa época, o campeão nacional acabou por ser o Sporting Clube de Portugal com 47 pontos, mais seis que o segundo classificado – o Benfica. O terceiro classificado foi o Belenenses com os mesmos 33 pontos que o FC Porto. A época de estreia do FC Famalicão na primeira divisão, ficou marcada pelo Inglês Robert Kelly, que reuniu em campo um quinteto que ficaria conhecido para a história como “Os cinco violinos”: José Travassos, Jesus Correia, Albano Pereira, Manuel Vasques e Fernando Peyroteo.

Nessa época, foram 14 as equipas que disputaram o campeonato da I divisão, com formações conhecidas, casos de Estoril Praia, Olhanense, Atlético, Vitória de Guimarães, Boavista, Académica e Vitória de Setúbal.

E outras menos conhecidas como o SL Elvas e AD Sanjoanense. No final dessa época o FC Famalicão desceu, classificando-se na 13ª e penúltima posição com 17 pontos, apenas menos 3 que V. Setúbal, Académica, SL Elvas e Boavista [todos com 20 pontos].

A última classificada foi a equipa da Sanjoanense com apenas 5 pontos. Na época de estreia na I divisão o FC Famalicão era conhecido pelo seu ataque temível, em 26 jornadas marcou um total de 60 golos.

po até nos saímos bem e fizemos boa figura.

1931: Qual foi o segredo para o FC Famalicão ter chegado à primeira divisão naquele tempo?

M: Foi ter um bom grupo de rapazes, com nomes importantes à época, que já tinham uma certa fama, e com os daqui a terra acabou por dar numa boa equipa. Naquele tempo já tínhamos uma massa adepta muito forte, as pessoas iam ao estádio de bandeiras na mão e faziam sempre uma grande festa.

1931: O futebol mudou muito?

M: Mudou em quase tudo. Os jogadores agora são profissionais. As condições que os atletas têm agora são incomparavelmente melhores, desde as botas que calçam, às bolas, passando pelos equipamentos, etc.

1931: O Manita chegou a estar em Angola. Como foi essa aventura?

M: Tinha um certo jeito para o Francês, porque tinha estudado um pouco mais. Quando deixei de jogar futebol, recebi um convite

M: Claro que sim. É um amor para a vida e ainda por cima eu moro muito perto do estádio, vejo a iluminação quando os jogos são à noite e nem preciso de escutar no rádio para saber quando marcamos um golo. O barulho e a festa é de tal ordem, que mesmo em casa percebo que já estamos a ganhar.

1931: Nesta fase final percebemos que há muita dificuldade em gerir as emoções. Com a sua experiência como é que acha que se pode ultrapassar isso?

M: Treino e muita concentração. Mas também tentar fazer com que o jogador se abstraia de tudo o que o rodeia. Há o nervoso miudinho no início de cada partida, mas isso depois rapidamente desaparece. E depois há o dedo do treinador que é fundamental.

1931: Gostava de voltar a ver o seu Famalicão na primeira?

M: Seria um gosto tremendo, porque a gente gosta sempre dos clubes por onde passou e o Famalicão é um clube marcante, ninguém esquece. Ainda hoje sou

Primeiro é fundamental conhecer a nossa equipa, mas também conhecer o adversário, saber quais são os seus pontos fortes e fracos, fazer um bom planeamento e depois a união.

de uma empresa de navegação Belga para ir trabalhar para Angola. Foram tempos muito bons. Angola tinha um clima fantástico e ainda hoje me lembro que no final do meu dia de trabalho, chegava a casa, colocava uns calções e lá ia eu dar um mergulho. Eu fui viver e trabalhar para o Lobito, Benguela, onde treinei muitos clubes, o Sporting de Benguela, o Sporting do Lobito, o Lobito Sport Clube e o Lusitano que foi o clube onde estive mais tempo e onde fui campeão. Sabe que em Angola ainda joguei, mas acabei como treinador. Acabei por treinar o Raul Águas, o Alexandre Freitas que jogou no Belenenses e no Porto. Enfim, guardo muitas histórias desses tempos. Em 1975 regressiei a Portugal e a Famalicão, como a maioria dos portugueses que lá estavam. Deixei lá muitos amigos.

1931: Nos dias de hoje vai acompanhando o FC Famalicão?

abordado com frequência na rua por gente que se recorda de me ter visto jogar, depois porque também cheguei a treinar os juniores, um escalão da formação que é a antecâmara da equipa principal.

1931: Se tivesse a oportunidade de entrar no balneário do FC Famalicão e dirigir uma mensagem a todo o plantel e equipa técnica, o que é que gostaria de lhes dizer?

M: O que eu poderia dizer-lhes era tentar incitá-los a jogar bem, para que não percam a concentração e a organização que os trouxe até esta fase importante. Se aqui chegaram é porque têm qualidade e nunca podem duvidar disso, tal como nunca devem esquecer que chegaram até aqui em equipa, porque o futebol é para onze. Porque daqui a setenta anos, tenho a certeza que muitos deles vão pensar como eu, quando fecho os olhos e sinto que “parece que ainda foi ontem”.

PUB



“Obras no estádio

avançam este ano

Impressão digital

Prefere o 4x4x2 ou o 4x3x3?
O 4x3x3 – pela profundidade. Eu gosto do futebol clássico em que o ala vai à linha, cruza e o avançado centro faz golo.

Lembra-se do último resultado do FC Famalicão?

Em casa, 4-0 ao Mafra (na verdade foi 4-1) e depois um empate a dois no Farense e com muitas bolas nos ferros (risos).

Uma vitória do FC Famalicão que não esquece?

Não esqueço os jogos com o Varzim, porque foram jogos muito fortes do ponto de vista emocional e intensos. Recordo o 2-2 com o Varzim, decisivo para que passássemos à fase seguinte, depois de estarmos a perder por dois zero. Foi um momento épico.

Qual o melhor jogador que viu atuar pelo FC Famalicão?

Eu gosto muito do Feliz pela forma como joga. Não me atrevo a dizer que é o

melhor do plantel, mas tenho alguma empatia, porventura associada à sua dinâmica em campo. Mas gosto de outros, obviamente o Chico, que tem para nós famalicenses uma referência especial porque é o coração daquela equipa.

Qual é a primeira memória que tem de uma partida de futebol?

Provavelmente muitos vão achar esta resposta politicamente incorreta, mas é a de saltar o muro para entrar no estádio para ver o jogo aqui em Famalicão.

E nunca foi apanhado?

Nunca fizeram nada para me apanhar (sorriso).

Um local que recomendaria para visitar?

O Parque da Devesa.

Um livro que aconselha?

Amor de perdição de Camilo Castelo Branco

Um motivo para voltar a Famalicão?

Os famalicenses.

1931: Sendo sócio do FC Famalicão há vários anos, de que forma olha para o atual momento do clube?

Paulo Cunha [PC]: O Famalicão vive um momento alto, um dos melhores da sua longa história e não o digo apenas pela posição em que se encontra na tabela classificativa nem pela ambição legítima dos famalicenses em ver o clube no patamar mais alto da competição futebolística em Portugal, mas pelo grande envolvimento por parte de toda a comunidade em torno do clube. Confesso que não me recordo de ver um dinamismo e uma participação tão intensa dos adeptos. É algo inédito

Famalicão, estando na 1.ª Liga na próxima época, como desejo, possa realizar os jogos no seu estádio.

1931: Que intervenções são essas?

PC: Uma intervenção de fundo ao nível do relvado, pois sabemos que ao longo dos anos o relvado foi sofrendo pequenas intervenções, mas como tudo na vida há um prazo de validade. Depois há questões essenciais ao nível dos balneários e de outros espaços sociais, nomeadamente para a imprensa e para que possamos acolher condignamente a equipa visitante e outras intervenções ao nível dos cativos e dos camarotes.

1931: O que é que a cidade tem a ganhar com o FC Famalicão na 1.ª Liga?

PC: O que está a acontecer na 2.ª Liga é já um sinal do que pode acontecer. O concelho no seu todo já percebeu que têm muito a ganhar com o facto do nosso clube pisar os principais palcos.

1931: O atual presidente da direção é o homem certo para este momento?

PC: Indiscutivelmente. O Jorge é um amigo de longa data Fruto também da sua maneira de ser, pois além de intuitivo a sua paixão supera muitas vezes a própria razão, é a pessoa certa para um projeto como este. Sabemos que quem dirige um clube não tem de o fazer como quem dirige uma empresa, mas também é importante que esses conhecimentos existam e o Jorge tem essas características. Além de ser um adepto ferrenho do FC Famalicão é um excelente empresário, um dos melhores do concelho, não fosse a sua empresa –A Tjajo, uma PME de excelência há vários anos. Portanto consegue conjugar dois fatores pouco comuns: o do bom empresário, com resultados e provas dadas, com o do grande adepto e portanto acho que tem as condições ótimas para fazer este trabalho. E, notem, não é por acaso que o FC Famalicão está nesta posição.

nos últimos trinta anos.

1931: Quando vai ao estádio veste a pele de autarca ou de adepto?

PC: Não consigo despir a capa de adepto, embora a minha condição de autarca limite o meu entusiasmo de adepto. Não escondo que preferia sentar-me na bancada central com o meu cachecol a gritar pelo clube. Mas é a minha circunstância de adepto que me leva ao estádio e não a de autarca.

1931: O estádio não tem as condições exigidas para a 1.ª Liga. A autarquia tem um plano para responder a essas exigências, num curto espaço de tempo?

PC: Claro que sim. Quando o clube chegou aos campeonatos profissionais foram introduzidas pequenas alterações, mas a Câmara ficou com a clara perceção que mais cedo ou mais tarde, teria que fazer outras intervenções. Está a ser elaborado um conjunto de projetos de intervenção para que o estádio tenha condições para receber uma competição como é a da 1.ª Liga. De preferência a tempo para que o



*Por mim,
é Porminho.*



A boa Charcutaria que seduz e convida à partilha.

A história da Porminho é um caminho de mais de 30 anos feito de pessoas, grandes ideias, muito conhecimento e uma singular clareza na identificação das oportunidades. Tudo bem temperado com esforço, dedicação e entrega. O resultado é uma ampla gama de produtos de charcutaria, que inspirados nas raízes tradicionais, apresentam-se carregados de modernidade, grandes aromas e apetitosos sabores. Desafios a quem se deixa seduzir pelas boas coisas da vida.